

**Evento:** XXVI Jornada de Extensão ▾

ENTRE O BRINCAR E O SUSTENTAR: O INVESTIMENTO DOS CUIDADORES NO TRATAMENTO CLÍNICO DA CRIANÇA¹

Fernanda Falabretti² e Maria Eduarda Meneghel³¹ Projeto de pesquisa desenvolvido na Clínica Escola de Psicologia da Unijuí, Campus Santa Rosa;² Estudante do curso de Psicologia;³ Estudante do curso de Psicologia.

INTRODUÇÃO

A clínica psicanalítica com crianças é atravessada por especificidades que desafiam o enquadre da própria análise. Dentre essas, destaca-se o fato de que a criança geralmente não chega por conta própria ao consultório, mas é trazida por um adulto, quase sempre um cuidador, por vezes as figuras parentais, que enunciam uma queixa, uma preocupação ou uma demanda. Com isso, o tratamento infantil não se faz apenas no espaço da escuta da criança, mas também no campo do desejo e da demanda daqueles que a cercam. É nesse entre — entre o brincar da criança e a sustentação dos pais — que a clínica pode, de fato, se constituir.

Desde a gestação, a criança é influenciada por uma série de fatores biopsicossociais que moldam sua subjetividade, permitindo a formação de laços e conexões ainda antes do nascimento. A relação com a mãe, o pai ou com os cuidadores vai muito além do ato de gerar, constituindo-se desde os primeiros momentos por meio de fantasias, desejos e projeções que envolvem o bebê. Nesse sentido, a constituição psíquica do sujeito em formação é atravessada pelo lugar que lhe é designado no desejo do Outro.

A subjetivação da criança, portanto, não é apenas um processo biológico, mas simbólico e relacional. O bebê já se insere numa rede de significações antes mesmo de poder falar ou agir por si. Relações estas que exigem um compromisso afetivo e investimento constante para que a criança se desenvolva com qualidade.

É nesse contexto que se torna fundamental pensar a escuta clínica não apenas voltada para os sintomas da criança, mas também para o campo de significações e expectativas que a cercam desde os primórdios da vida. Só assim é possível compreender os efeitos da sustentação, ou, da sua ausência no tratamento da criança.



METODOLOGIA

Este estudo baseia-se nas vivências e experiências adquiridas durante o Estágio de Psicologia e ênfase em processos clínicos do curso de Psicologia, realizado na Clínica Escola de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), localizada no campus da cidade de Santa Rosa. As atividades foram desenvolvidas no contexto de atendimentos clínicos supervisionados, possibilitando a observação, aplicação e análise de práticas psicológicas em ambiente real de trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o estágio clínico, os atendimentos com crianças revelam a importância do envolvimento dos cuidadores no processo terapêutico. Não apenas no sentido logístico, de garantir a presença da criança às sessões, mas sobretudo na sustentação simbólica, de modo que ao se implicar no tratamento, oferecendo escuta e abertura às intervenções propostas, há uma ampliação das possibilidades de elaboração por parte da criança. Essa constatação direcionou a análise para compreender de que maneira o investimento dos cuidadores se articula com a dinâmica do brincar no espaço clínico, e como essa relação influencia o manejo do sintoma.

É por meio do manejo clínico do analista na escuta dos cuidadores — cuidando também para que essa escuta não invada ou interfira no espaço da criança — que se torna possível sustentar o sintoma no setting terapêutico, permitindo que o brincar seja compreendido em sua dimensão simbólica. As queixas trazidas pelos responsáveis, quando acolhidas a partir de uma escuta ativa e implicada, favorecem o investimento dos cuidadores no processo, fortalecendo o tratamento e contribuindo para o manejo do brincar como via de comunicação da criança.

O brincar, como nos ensina Winnicott (1975), é a linguagem da criança. É por meio do jogo simbólico que ela pode expressar seus afetos, suas angústias e seus conflitos, muitas vezes ainda inomináveis. Autores como Diana e Mário Corso, ao explorarem o universo dos contos de fadas, reforçam que esse mundo imaginário comunica verdades psíquicas profundas, oferecendo pistas sobre a vida emocional da infância. No entanto, essa possibilidade de expressão e elaboração só se realiza plenamente quando há um ambiente que



a sustente, tanto no espaço físico e simbólico da sessão, quanto na implicação subjetiva dos cuidadores.

Winnicott (1975) apresenta o papel da mãe — ou cuidador — suficientemente boa, que sustenta emocionalmente o ambiente que permite o desenvolvimento psíquico da criança. É no holding produzido pelo cuidador que a criança se constitui, tendo esse ambiente como primeiro. Holding este que pode ser reproduzido pelo terapeuta, desde que este ocupe o lugar do cuidador, criando uma identificação com a criança e, em alguns momentos, suportando sintomas e brincadeiras que os responsáveis não conseguem suportar.

Na clínica com crianças, o analista não trabalha somente com a criança em si, mas também, e de forma crucial, com os adultos que a cercam. São eles que formulam a demanda inicial, que sustentam o tratamento no tempo, que suportam, ou não, o que a criança começa a expressar. Com isso, os cuidadores não apenas ocupam um papel logístico na continuidade da análise, mas compõem o próprio campo transferencial e simbólico onde o tratamento pode acontecer.

Freud (1913), ao escrever sobre a análise com crianças, já apontava que o analista precisa “conquistar os pais como auxiliares da análise”, reconhecendo que o sintoma da criança está muitas vezes a serviço de um conflito inconsciente familiar. Lacan, em “A direção do tratamento” (1958), afirma que toda demanda carrega um desejo. Assim, a queixa dos pais não é neutra: é atravessada por seus próprios desejos, medos e fantasias em relação à criança.

Essa distinção entre necessidade, demanda e desejo, proposta por Lacan, é fundamental para compreender o lugar da criança na clínica. A demanda, mesmo que pareça objetiva, como “meu filho não dorme bem” ou “está agressivo na escola”, é sempre simbólica, envolve um apelo ao outro. Já o desejo é o que escapa, o que excede a demanda e aponta para o inconsciente. O analista, nesse ponto, não responde à demanda manifesta, mas escuta o desejo que a sustenta e que se revela no espaço clínico.

Sustentar o tratamento, portanto, é mais do que levar a criança à sessão. É suportar que algo do sintoma seja desvelado, que algo da dinâmica familiar se revele, que a criança possa ocupar um lugar de sujeito e não apenas de portadora de um “problema a ser corrigido” ou de um laudo pautado em um diagnóstico. Essa sustentação simbólica exige dos cuidadores uma abertura para o processo analítico e para o que nele pode emergir.



A clínica, então, se estabelece como um campo compartilhado. O analista, a criança e os cuidadores estão implicados, cada um à sua maneira, na construção desse espaço. Quando os cuidadores conseguem sustentar a análise, sem tomar a criança como objeto de sua própria angústia ou idealização, cria-se um ambiente fértil para que o brincar, a palavra e o silêncio operem.

Na clínica psicanalítica com crianças, o que se escuta não é apenas a fala da própria criança, mas também o campo de relações em que ela está inserida: a família, a escola, os cuidadores, suas relações. A escuta do analista, nesse contexto, se volta tanto para aquilo que a criança traz de si quanto para aquilo que ela carrega do desejo do outro — um desejo que muitas vezes se apresenta como sintoma.

Maud Mannoni (1971) lembra que o sintoma infantil não pode ser compreendido de maneira isolada, pois sempre envolve a presença e a implicação do outro. Para a autora:

“O sintoma, como foi mostrado por Freud, inclui sempre o indivíduo e o outro (...) O sintoma está no lugar de uma palavra que falta (...). O sintoma vem como máscara ou palavra fantasiada. A mãe, nesse sintoma, é participante (...) O sintoma então se desenvolve com outro e para outro” (MANNONI, 1971, apud ARZENO, 1995, p. 27).

Por isso, escutar a criança é, inevitavelmente, escutar também a história dos adultos que a cercam, mesmo que esses não estejam fisicamente presentes na sessão em suas totalidades.

Ao mesmo tempo, é preciso afirmar que a criança também tem o que dizer de si. Ela não é apenas efeito do desejo dos outros. A clínica infantil precisa oferecer um espaço onde ela possa se apropriar de sua história, dar forma ao que sente, representar o que a afeta e não apenas responder à demanda dos pais ou das instituições.

Nesse sentido, *Fadas no Divã* (Corso & Corso, 2006) oferece uma metáfora: os contos infantis, repletos de reinos, monstros, vilões e heróis, expressam de maneira simbólica os dilemas e conflitos da criança. Mas, para que essas histórias possam ser contadas, o mundo adulto precisa fazer silêncio. Só quando a criança encontra um espaço onde não é apenas “problema a ser resolvido”, mas sujeito a ser escutado, é que suas narrativas podem emergir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O analista, ao escutar a criança, escuta também a teia de relações que a atravessa. E, ao sustentar esse lugar, possibilita que a criança se posicione de forma própria, singular, e não apenas como extensão de uma queixa parental. A clínica com crianças é, assim, também uma



clínica das relações, onde a escuta vai além da verbalização e entra no campo simbólico, exigindo uma escuta ativa e flutuante, capaz de articular o real e o fantasioso, produzidos não só pela criança, mas a partir do desejo dos pais sobre o sintoma.

É nesse entre — entre o brincar da criança e a sustentação dos cuidadores — que o analista escuta a demanda para além de um sintoma isolado, compreendendo-a como algo produzido subjetivamente a partir das relações, situada nos vínculos e no ambiente que cercam o sujeito em constituição.

Palavras-chave: Psicanálise. Clínica com crianças. Cuidadores. Brincar. Subjetivação.

REFERÊNCIAS

- BERNARDINO, L. Aspectos psíquicos do desenvolvimento infantil.
- DIAS, A. As entrevistas com os pais. In: DRUGG, A. (et al.) Escritos da Clínica. Ijuí: UNIJUÍ, 2010.
- DOR, J. A necessidade - O desejo - A demanda. In: Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- CORSO, Diana; CORSO, Mário. Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MANNONI, Maud. A criança, sua doença e os outros. Lisboa: Moraes Editores, 1971.
- WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 1975.
- WINNICOTT, D. Família e maturidade emocional. Em WINNICOTT, D. W. A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes. 1960/1997.